

Santo André de Barcelinhos

BARCELINHOS, diminutivo (1) de Barcelos, antiquíssima povoação na margem esquerda do Rio Cávado, em frente à não menos antiga vila de Barcelos, não nos aparece nos princípios da nossa nacionalidade como freguesia; era um lugar, talvez pouco importante, da de Santo André de Mareces.

Assim, nas Inquirições de 1220, vem esta freguesia com a designação «De Sancto Andrea de Mareces», nas Terras de Faria.

Nessas Inquirições se diz que o rei tem aí alguns *reguengos* (2) e «*est ibi una Heremita* (3) *et sunt inde três partes regis*».

Santo André de Mareces, depois Santo André de Barcelinhos, foi primitivamente abadia secular, passando mais tarde a vigararia da apresentação, primeira da Casa de Bragança e por fim do Prior da Colegiada de Barcelos.

A Igreja Paroquial era antigamente no lugar de Mareces, ao lado norte da Estrada Distrital n.º 30, que daqui

(1) Diminutivo que indica uma filiação histórica... etc. José Augusto Vieira, *Minho Pitoresco*, vol. II, pág. 145.

(2) Eram as terras que faziam parte do património real, Viterbo, vol. II, pág. 189.

(3) Talvez a de S. Miguel o Anjo.

vai para a Póvoa de Varzim, dentro da quinta de Mareces, actualmente pertencente aos herdeiros do Dr. Eduardo Salazar.

A Residência Paroquial é hoje casa de caseiros dessa quinta.

Pelos meados do século XVII, antes de 1672 (1), foi mudada para o lugar do Souto onde hoje está, sofrendo no século XIX, 1867, grandes modificações, tornando-se um templo amplo e elegante.

No terreiro junto ao adro da nova Igreja existia uma antiga capela de S. Sebastião, a qual foi mudada em 1736 para a freguesia de Barcelos, actual rua Manuel Viana, junto às Casas dos Mendanhas, hoje Quartel da G. N. R.

Barcelinhos foi aumentando a sua importância e era um arrabalde (2) da vila de Barcelos, ligada a esta por uma ponte de pedra, até que em 1928, sendo esta vila elevada à categoria de cidade, foi nela incluída.

Em uma situação admirável, disfruta-se do alto um panorama soberbo, alongando-se a vista por todo o vale onde corre o Cávado, desde o monte de Oliveira quase até à sua foz.

É terra fértil e a sua parte urbana tem boas e sólidas construções.

É limitada ao nascente pelas freguesias de Santa Eugénia de Rio Covo e Gamil, ao sul pela de Alvelos, ao poente pela de S. Paio do Carvalhal e Gilmonde e ao norte pelo rio Cávado.

(1) Fr. Pedro Polares, Tratado Panegírico, Cap. XIV, pág. 23, já a coloca no sítio onde está.

(2) «Arrabalde de Barcelos lhe chamam na localidade, mas é realmente desconhecer uma vila, que todos considerariam como tal, se a terra de D. Afonso não existisse ali».

Minho Pitoresco, vol. II, pág. 145.

Existem no rio Cávado, no distrito desta freguesia, três açudes; um junto à ponte sobre o Cávado, outro em Mareces, junto à confluência do rio dos Ameais que da freguesia de Pereira vem afluir ao Cávado neste lugar, e o de Santo António de Vessadas.

Passemos a inumerar as capelas que foram erigidas nesta freguesia:

Capela de S. Miguel o Anjo. — Existiu esta capela no Areal de Cima, a qual caindo em ruínas, dela hoje não há vestígios.

Capela de S. Miguel o Anjo. — Foi mandada fazer por Francisco Fernandes Paim, em 1675, junto às suas casas na rua da Esperança e hoje é dos herdeiros de José Joaquim da Costa,

Capela de S. João Baptista de Medros. — Foi fundada em 1757, como se vê de uma inscrição na padieira da sua porta principal — HANC. FECIT. JOANES. VICARIVS. ANNO. 1757.

Está situada junto à Estrada Distrital n.º 30 no lugar de Mareces, pouco distante da ponte sobre o rio dos Ameais e hoje pertencente a Manuel José Alves.

Capela de Santo António de Vessadas. — Foi mandada construir, no século XV, por João Paes, «O Velho», senhor da Casa de Vessadas, ao poente da mesma, junto à antiga estrada que de Famalicão vinha para Barcelos, em cumprimento de um voto por lhe ter aparecido um cavalo (1).

Em 1856 foi mudada para o local onde está, ao norte daquela Casa e separada desta pela estrada, e completamente alterada a sua arquitectura. Pertence hoje à Junta da freguesia.

(1) Nobliarchia Portugueza, pág. 109.

Capela da Casa de Vessadas. — Manuel José Botelho, senhor da Casa de Vessadas, mandou fazer em 1885 esta capela junto às suas casas, lado do norte, dando-lhe para patrono Nossa Senhora da Agonia.

Capela de S. Braz. — É antiga, talvez do século XVI. Sita no alto do outeiro do seu nome, donde se disfruta um lindo panorama, é de construção baixa e humilde.

Ao lado da porta principal vêem-se ainda dois cachorros de pedra, vestígios da existência de antigo alpendre ou galilé.

Dizem que foi mandada construir por um antigo senhor da Casa de Levandeiras, andando nesta casa a sua administração até 1882, ano em que passou para a Junta da freguesia.

No dia 3 de Fevereiro, quando é domingo ou no domingo imediato, realiza-se junto a ela a mais interessante romaria destes sítios.

O povo da cidade e das freguesias circunvizinhas ali se reúne, reza ao santo, ouve música, dança e, em alegre convívio, sentado em ranchos por aqueles campos e bouças, come os apetitosos *merendeiros* que trazem, regados pelo bom *verdasco*, comprado no arraial à bica da pipa.

Capela de Nossa Senhora da Ponte. — Esta capela, junto ao rio Cávado, do lado direito à entrada da ponte que liga esta freguesia com a de Barcelos, é muito antiga.

Julga-se ser edificada nos fins do século XIV e devia ser em architectura muito diferente da actual.

Tem esta capela confraria com estatuto aprovado em 1844.

Na ponte existiu um cruzeiro, ao qual se refere a acta da sessão da Câmara Municipal de 1726, no lugar da Rebelo outro, no Souto outro e em Mareces outro, hoje todos desaparecidos.

No Largo da Ponte, em frente à capela, separado dela apenas pela estrada, vê-se o já secular carvalho, sucessor de outro muito antigo, abatido em 1827.

Esta Capela, o Carvalho e a ponte sobre o Cávado fazem parte das peças que entram na composição do brasão de Barcelos.

É assim: «De azul. Uma ponte de prata, de cinco arcos e com sete ameias na guarda, saintes dum contra chefe ondado do mesmo e do campo. A ponte é acompanhada à dextra por uma torre de prata quadrada e torreada e à sinistra por uma árvore de sua cor sainte de uma arca do primeiro e por uma ermida do mesmo com sua sineira, e é encimado por três torres quadradas do mesmo cobertas e saintes dum terrado de sua cor. Em chefe alinhados um escudete de Bragança dos Duques acompanhado por dois de Portugal antigo» (1).

Estas peças em chefe foram mandadas acrescentar por D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 9.º Conde de Barcelos.

Foi este Duque quem mandou fazer a ponte que liga esta freguesia à de Barcelos, a qual terminava do lado de Barcelos na torre que fechava aquela povoação, junto ao Paço dos Condes, e do lado de Barcelinhos no Largo da Ponte, entre a ermida e o histórico Carvalho.

Esta ponte tinha guardas de pedra, guarnecidas de ameias, que depois perdeu, sendo substituídas aquelas guardas nos fins do século XIX pelas actuais de ferro, alargado o seu leito e transformado o seu pavimento.

Compõe-se de cinco arcos tão altos e tão solidamente construídos que nas maiores cheias do rio nunca foi danificada nem o seu transito interrompido ao público.

(1) J. Mancelos Sampaio, publicado em o jornal « Acção Social»

Apenas duas vezes e essas por causas bem diferentes nos consta que foi interrompido: a primeira em Novembro de 1775, quando, devido ao grande terramoto, desabou sobre ela a torre do lado de Barcelos, e a segunda quando em 1827, estando as tropas do Marquês de Chaves na margem direita do Cávado, receosas dos liberais que estacionavam emn Braga, cortaram a ponte deste lado de Barcelinhos, barricando-a com as pedras arrancadas e com o velho e histórico carvalho vandàlicamente sacrificado.

Ao poente do largo da Ponte e fechando-o deste lado, ergue-se o Matadouro Municipal, obra do fim do século XIX.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1882 no lugar de Mareces, ao lado esquerdo da Estrada que vai para a Póvoa de Varzim, quase em frente à antiga Igreja Paroquial.

Existe nele, ao fundo e em frente à porta principal, uma ampla capela destinada ao serviço religioso, mandada fazer por António Ferraz de Gouvêa Lobo para jazigo de sua família. Pertence hoje à família Ferraz.

Além deste há por ele dessiminados vários jazigos.

Não me posso furtar à tentação de copiar a inscrição que se depara em um deles.

Diz esta: AQUI. JAZ. ANA. JOAQUINA. QUE. FOI. MÁRTIR. DEPOIS. DE ESTAR. SEPULTADA. HÁ 25. ANOS!

Nesta freguesia há os seguintes Nichos ou alminhas: o de Vessadas, o do Areal e o de Mareces.

No Areal de Cima, do lado direito da Estrada que por Alvelos vai às Fontainhas, encontram-se dentro de uma bouça os vestígios de um padrão de triste memória legado por nossos antepassados.

É o estrado de pedra onde era armada a forca de Barcelos e que a Câmara Municipal mandou fazer em 1712.

Do lado esquerdo da mesma Estrada, em outra bouça, erguia-se outro padrão, comemorativo de um facto envolto em lenda e à qual em outra parte nos referimos, conhecido pelo nome de *Senhor do Galo*.

Constava este de um quadrado de cantaria de dois degraus, no centro erguia-se um pedestal de pedra onde tinha gravado em relevo a figura de um homem dependurado de uma corda ao pescoço e por baixo outra figura na atitude de o suster com uma mão, figura essa que pelo bordão e cabaça que tinha na outra mão parece ser Santiago.

Na face oposta desse pedestal tinha em cima de um lado a figura do sol e do outro a da lua; no centro a imagem de Nossa Senhora e por baixo outra que parece ser a de S. Bento.

Em cima do pedestal tinha uma cruz com a imagem de cristo crucificado e entre os pés do cristo e a cabeça do justicado via-se a figura de um galo e do outro lado, à mesma altura, a figura de um dragão.

Este padrão foi retirado daqui e colocado, tal como era, no Museu Municipal, nos antigos Paços dos Condes de Barcelos.

Exercem a sua acção na Igreja Matriz as seguintes confrarias: a do Sacramento, cuja fundação ignoro, regida pelo estatuto de 1880, a da Senhora das Neves com estatuto de 1805 e das Almas com estatuto de 1807.

Além destas de carácter puramente religioso tem esta freguesia mais duas associações de carácter humanitário: «Associação de Socorros Mútuos Barcelinense» fundada em 1880, com estatuto do mesmo ano, e o «Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense», ou Bombeiros Voluntários, fundada em 1921.

Tem em edifício próprio escolas oficiais de instrução primária para ambos os sexos; o correio é distribuído aos domicílios na parte citadina e tem duas caixas do correio.

Não consta a sua população no censo de 1527; no século XVII era de 200 vizinhos; no século XVIII era de 177 fogos; no século XIX era de 1035 habitantes e pelo último censo da população é de 1407 habitantes, sendo 617 do sexo masculino e 790 do sexo feminino, sabendo ler 283 varões e 179 mulheres.

Tem esta freguesia na sua parte urbana as seguintes ruas: José Falcão, Emídio Navarro, Penedos, Brito Limpo, Alcaides de Faria e Esperança; Largos da Ponte, Souto, Dr. António Ferraz (antigo do Moutilhão) e os seguintes lugares habitados: Areal, Carneceria, Levandeiras, Bouça d'Ama, Gandra, Ribeiro, Mareces, Medros, Ninães, S. Braz, Sancho, Tomadia, e Vessadas.

É abastecida pelas águas da Câmara Municipal, da rede geral da cidade, pelas da Empresa Borges e por fontes e chafarizes: pelo de Vessadas mandado construir pela Câmara em 1871, pelo chafariz ao cimo da rua Emídio Navarro, construído em 1853, e pelo chafariz ou Fonte de Ninães. Esta antiga e afamada Fonte de Ninães foi reconstruída pela C. M. em 1710.

No seu frontão vê-se a seguinte inscrição: — «VERAE. NASCENTUR. AQVAE. DE. VÉRTICE. HAC. DE. CELESTI. VÉRTICE. LINPHA. FLVIT».

As casas mais importantes desta freguesia são: a de Vessadas, que pertence à família Távora e Noronha; o Paço de Mareces, dos Vilas-Boas, e que hoje é da família Salazar; a de Ninães que foi da família de Sidónio Pais; a de Levandeiras, pertencente à família Beleza Ferraz; a do Areal, dos Salgados Araújo, hoje pertencente a outro ramo dos Belezas Ferrazes; a de José Marques da

Costa Freitas, 1879, pertencente a seu genro o Sr. Dr. Sá Carneiro, onde reside há anos; a do Brigadeiro, na rua José Falcão, hoje da família Salazar; a do Palmeiro, no largo da Ponte, hoje da família Cabral; a dos Ferrazes, no Largo António Ferraz, da família daquele apelido; a do Rodrigo Azevedo, em frente à Matriz, pertencente à família Sá Carneiro; a do Morgado do Areal, pertencente à família Vasconcelos.

D. Maria II em 1841 concedeu o baronato de Barcelinhos, título honorífico, a Manuel José de Oliveira, por alcunha o «Cambões», natural da freguesia de Abade do Neiva e rico proprietário em Lisboa.

O 2.º barão de Barcelinhos foi Manuel Correia da Silva Araújo, sucessor no título e na mulher do primeiro barão e o 3.º foi Carlos Ramiro Coutinho, visconde de Ouguela e terceiro marido da 1.ª baroneza.

Em 1868 foi criado o título de Visconde de Barcelinhos na pessoa de Manuel José de Oliveira, filho do 1.º barão, o qual foi renovado, por decreto de 2 de Outubro de 1879, em seu filho Álvaro Correia da Silva Araújo, que foi o 2.º e último Visconde de Barcelinhos.

Das pessoas mais importantes desta freguesia destacaremos as seguintes: João Pais «o Velho», senhor da casa de Vessadas, das Azenhas da Ponte e do Reguengo da Várzea, esforçado cavaleiro da África no século xv; o Dr. Manuel José Botelho, natural do Douro, senhor daquela casa pelo seu casamento, soldado do Batalhão Académico fez as guerras liberais, foi Juiz de Direito em Barcelos, subindo até ao S. T. de Justiça, agraciado em 1886 com o título de Visconde de Santo António de Vessadas; Dr. António Ferraz, notável genealógico e escritor, falecido em 1916; António M. do Amaral Ribeiro, nascido em Barcelos, residente durante muitos anos nesta freguesia, apreciado jornalista e autor da «Notícia Descri-

tiva de Barcelos», falecido em 1879; Miguel Angelo Pereira, maestro insigne, falecido no Porto no século passado; Fr. Francisco de Barcelinhos, Religioso Capucho, notável Pregador do século XVIII; P.^e José Valério Veloso, Cónego da Colegiada de Barcelos e Capelão do Duque de Dalmácia (Soult); João Elias da Costa Faria e Silva, Ministro da Justiça em 1848; Manuel de Azevedo, escultor célebre no século XVIII; José Silvério da Cunha Osório, jornalista, nascido em 1826; Manuel de Araújo Costa, Deputado às Constituintes em 1820, etc.

Os franceses na segunda invasão de Portugal, assinalaram tristemente a sua passagem nesta freguesia com o assassinato, em 6 de Abril de 1809, no Areal, de Manuel Ribeiro Pais, da casa de Ninães, deixando-o ficar insepulto durante três dias.

Quanto ao comércio e indústria esta freguesia, depois da de Barcelos, é a mais importante do concelho.

Tem vários estabelecimentos de fazendas, mercearias, casas de pasto, padarias, consultório médico, farmácia, oficinas de funileiros, serralheiros, carpinteiros, ferrador, guardassoleiro, fábrica de velas de cebo, barbearias, etc., enfim tudo o que pode ter uma vila das mais importantes, pois esta povoação, separada da de Barcelos, seria melhor que muitas sedes de concelho ou comarca.